

Leitura sociodramática de um meio de comunicação: HQ - o universo educacional da Mafalda numa leitura correlata de Buber e Moreno

Liana Gottlieb

1 - Considerações Iniciais: sociodrama, indústria cultural e história em quadrinhos

A metodologia sociodramática pode ser encarada como um instrumento de transformação de produtos da Indústria Cultural, considerados lesivos e desintegradores, em matéria-prima que leva ao resgate da espontaneidade e da criatividade, além de propiciar o desenvolvimento tanto da compreensão crítica e ativa, como da vontade transformadora.

Em outras palavras, no método sociodramático os meios de comunicação podem ser empregados como mediação entre o indivíduo e a realidade, promovendo a integração entre um conhecimento adquirido e a experiência vivida.

As histórias em quadrinhos (HQ) são tiras desenhadas, vivas e em movimento, desencadeadoras do nosso tônus vital, imaginação e fantasia, que carregam a conotação do proibido, o receio dos pais e da escola em relação a sua leitura: “*O que será que essa criança vai ser quando crescer, se ela ficar lendo muita HQ?*”. Elas contêm também o proibido da sexualidade, da excitação, que a nosso ver é um ótimo passaporte para a vida adulta. As HQ mexem também com a visão, a imaginação e com o sentir, e mesmo sendo estáticas dão a sensação de movimento, de coisa viva. Uma das vantagens das HQ em relação à TV é que nas HQ temos o tempo e o espaço para elaborações mentais e manifestações corporais.

Dentre as HQ, a **Mafalda** foi a eleita. Foi com a **Mafalda** que aprendemos, já em idade adulta, a questionar o mundo. Nossa vida talvez possa ser dividida em AM (antes da **Mafalda**) e DM (depois da **Mafalda**). Então, nada mais justo do que dedicar este trabalho a ela.

A principal vantagem de empregar sociodramaticamente a **Mafalda** reside no fato de que ela está muito perto das pessoas. O diálogo íntimo e afetivo de cada leitor com a **Mafalda** não o ameaça. Por não ameaçar, ela estimula a espontaneidade e a criatividade.

Por que a leitura correlata de Buber e Moreno?

Moreno e Buber falam do **encontro verdadeiro**.

A leitura sociodramática de **Mafalda** representa a possibilidade de um encontro – o encontro EU-TU proposto por Buber e Moreno. Esta leitura nos propiciou um encontro com a nossa própria história, nossa vida, como o nosso EU, e a partir daí pudemos sair em busca dos nossos TUS.

Esta leitura possibilita, então, aos alunos e às pessoas, um encontro com a sua história, deles consigo mesmos; eles têm em seus corpos, e em suas mentes, as marcas de uma escola autoritária. Possibilita também o encontro entre professores e alunos, que juntos poderão criar essa escola nova aberta cósmica.

A **Mafalda** como **objeto intermediário** abre o mundo da linguagem não-verbal. Não é um encontro intelectual, é um encontro do fluir e do sentir, da cabeça e do corpo, do ser por inteiro. A ação é melhor que a verbalização, pois é síntese mais eficaz – o homem está inteiro ali.

A leitura sociodramática de **Mafalda** representa a possibilidade de um questionamento; restitui o prazer, o riso, a brincadeira, o lúdico, o humor à vida.

Queremos dar à escola a possibilidade de ser um instrumento de questionamento e de formar pessoas felizes e voltadas para a importância da comunidade.

1.1 - Pesquisa e objetos

A nossa pesquisa tem como **objetos**:

- Geral - Histórias em Quadrinhos

- Específico - O Universo Educacional da Mafalda, numa leitura correlata de Buber e Moreno

Quanto ao estado da questão, desconhecemos, pelo menos no Brasil, pesquisas que tenham focado especificamente a leitura sociodramática do universo educacional da **Mafalda**. Recolhemos ensaios escritos por alguns estudiosos como Eco, Cirne, Luyten, Magalhães, além de um livro *Para ler a Mafalda*, do argentino Pablo José Hernández.

Quanto à correlação entre Buber e Moreno, somente quando já estávamos na fase final de nossa pesquisa descobrimos o importante trabalho de Fonseca, baseado em sua tese de doutoramento, na área da Psiquiatria.

Em nossa prática como docente, de disciplinas pedagógicas, vimos, ao longo dos últimos quatro anos, nos deparando e debruçando sobre uma questão que, a nosso ver, pode ser a mola propulsora na transformação da educação: como levar alunos, candidatos a professores, a refletirem criticamente sobre a escola tradicional e conseguirem visualizar, criar e partir em busca de uma nova possibilidade, uma escola nova aberta cósmica?

A formação, em cursos de pós-graduação, nas áreas de Educação, Comunicação e Psicodrama, reflete nossa postura e visão da Educação. A nosso ver é preciso integrar estas três áreas para se conseguir transformar a educação, e promover a educação para a verdadeira comunidade.

É evidente que tal reflexão e esforço/proposta demandariam várias dissertações para que pudessem ser devidamente explorados e descritos. Isto implicou na delimitação de uma de nossas propostas, que utiliza um meio de comunicação específico, as HQ. Nesta delimitação chegamos à **Mafalda**, e depois às tiras que tratam de Educação, na **Mafalda**.

Constituímos, então, o nosso *corpus* de estudo, que virá a seguir.

Resolvemos colocar o *corpus* antes do trabalho, pois isto permite que se faça a primeira leitura da mesma forma que nós a fizemos: sem a preocupação de analisar criticamente o conteúdo, e de acordo com Moreno, para quem antes de analisar é preciso amar o objeto de estudo.

A meta final do nosso trabalho é chegar na recriação da escola – criar a escola nova aberta cósmica, que vai permitir que os alunos interfiram em tudo, transformando a sociedade, a natureza, o planeta. Temos consciência de que esta meta implica em muita coisa, e a nossa proposta pode colaborar com esse esforço.

Mais especificamente, pretendemos levantar as características dessa nova escola, aberta cósmica, através do levantamento e da crítica das características da escola tradicional, que é denunciada na **Mafalda**.

1.2 - Objetivos

Surgem, então, os seguintes objetivos:

1. Desenvolver uma reflexão sobre as HQ, visando mostrar que não se trata de “literatura menor”, e além de servir como entretenimento, podem ser uma rica fonte de informações, e servir como instrumento muito rico num processo de ensino/aprendizagem, tanto em escolas como em outras instâncias educacionais.

2. Demonstrar como, através de uma leitura sociodramática da HQ, é possível tanto desvendar a ideologia do autor, quanto levar o leitor a se tornar um leitor ativo e com possibilidades de contribuir com a transformação da sociedade.

3. Promover uma reflexão sobre a metodologia psicodramática, chegando à relação do Psicodrama com a educação e os meios de comunicação de massa, e como o Psicodrama pode contribuir para a construção da nova escola.

4. Promover a reflexão sobre a Filosofia do Diálogo, a visão de Buber e da educação e seu conceito de Educação para a Comunidade.

5. Mostrar como a leitura correlata de Buber e Moreno pode servir de mediação para a compreensão da escola tradicional e para a criação dessa nova escola.

Quanto aos procedimentos metodológicos e técnicos, nossa metodologia, num primeiro momento, é histórico-analítica. A pesquisa já possui uma estrutura de relato com VIII capítulos organizados. No capítulo I, introduzimos o assunto e caracterizamos o

corpus a ser analisado.

No capítulo II fizemos um levantamento histórico e bibliográfico das HQ, desde suas origens até os dias de hoje e depois passamos a um retrospecto analítico da **Mafalda**.

No capítulo III estabelecemos a relação da escola tradicional com a doutrina liberal, através do delineamento das várias características da abordagem tradicional do processo ensino-aprendizagem.

No capítulo IV passamos a abordar a teoria psicodramática e as idéias de Moreno sobre educação, passando a seguir para a filosofia do diálogo, de Buber e seu conceito de educação para a comunidade, chegando às correlações das idéias de Moreno e Buber.

No capítulo V procedemos a três leituras do nosso *corpus*, para o levantamento dos parâmetros de observação, através da técnica de pesquisa qualitativa, análise de conteúdo, que a nosso ver é uma técnica de pesquisa que não se esgota, não se fecha, pois a cada nova leitura novas características podem surgir:

- Na primeira leitura fizemos uma análise de “quadrinidade” das tiras de Quino, levantando os seguintes parâmetros:

P.O.1. Expressões de ânimo faciais.

P.O.2. O movimento da cabeça.

P.O.3. A construção do corpo e seus possíveis movimentos – a expressão corporal.

P.O.4. A psicologia das personagens.

P.O.5. Classes de personagens.

P.O.6. A vinheta e a seqüência.

- Na segunda leitura procedemos ao levantamento dos sinais concretos da escola da **Mafalda**, visando detectar a ideologia dessa escola. Utilizamos os seguintes parâmetros:

P.O.7. O meio ambiente em que está inserida a escola, e o meio ambiente dentro da escola.

P.O.8. Normas regimentais, currículo, metodologia.

- A terceira leitura teve como base a correlação das idéias de Buber e Moreno, e foi por nós denominada de análise de conteúdo relacional, equivalente a uma leitura sociodramática, pois levanta o maior número de sinais nas tiras, nos campos visual, verbal e relacional. Aqui apontamos os seguintes parâmetros:

P.O.9. O homem.

P.O.10. O perigo da conserva cultural (Moreno) / coisificação (Buber).

P.O.11. O encontro/a relação dialógica.

P.O.12. A educação na Mafalda.

P.O.13. A educação relacional.

No capítulo VI passamos às considerações finais. Fizemos também o relato sucinto de algumas experiências que já encerram em si novas perspectivas de aplicações das nossas propostas.

A seguir o nosso *corpus* com as tiras da **Mafalda**.

2 - HQ, Mafalda e Humor

Gostaríamos de concluir a apresentação dorsal da pesquisa em andamento falando, em primeiro lugar, de um fenômeno que muito nos fascina, e é de difícil definição. Trata-se do HUMOR, e tem relação com a **Mafalda**, pois ela é um tira caricata e humorística.

Brito (1) diz que cada povo, cada época, cada cultura tem do humor uma visão particular, muitas vezes intraduzível a outra língua. O espaço do humor é ilimitado, nele cabem todas as escalas do sentimento e ele se vale de todos os processos para expressá-lo.

O humorismo é um valor crítico, um instrumento que pode ser ao mesmo tempo liberto e libertador. Parte da observação da realidade e tenta reelaborá-la sob um ângulo imprevisto, e segundo Brito (2) pode ir à mais rica fantasia, chegar ao absurdo, pois, para manter ou defender a liberdade do espírito, não hesita em extremar os raciocínios até suas consequências derradeiras e em propor uma supralógica. O absurdo no humorismo revela sempre, impiedosamente, as absurdidades da vida! Freud via no humor algo de sublime e elevado, além de libertador.

Brito (3) revela a relação que acontece entre humorista, de um lado, e leitor de outro, além de especificar truques de sutilezas desta arte. Temos, então, de um lado o humorista, a dissimular os seus objetivos numa controlada impassibilidade, e, de outro, estamos nós, leitores, a aguardar um desfecho que, na verdade, se produz de modo inteiramente oposto ao que presumíamos. O humorista aproveita-se de nossa inadvertência e, ao mesmo tempo, exerce, na sua plenitude, o domínio de si mesmo e da condução de seu relato. Causa a impressão que deseja, mas o faz como se disso nem sequer suspeitasse. Como o poeta de Fernando Pessoa, o humorista também é um fingidor. Muitos são os seus truques: apresenta o cômico gravemente e o absurdo com respeito; assume ar sisudo para tratar de coisas jocosas e jocosamente considera as coisas sérias; o fútil passa a grave e o grave a

sem importância.

Realça e sublinha as mil e uma contradições humanas, e, através da candura da malícia, da observação rara, do cinismo levado à lucidez, do raciocínio impensado e de outros recursos e até subterfúgios, revela as incongruências ou a tragicidade da vida.

Aceita as coisas e os homens tais como são, e exhibe-lhes tranquilamente, o ridículo, o ressentimento, a frustração e a incoerência de seus atos. Ou então interpreta tudo de um ângulo pessoal e promove a falência do pensamento lógico, compromete as regras de conduta convencionais e derruba valores éticos preestabelecidos.

Pierre-Quint (4) aponta o humor como uma revolta superior do espírito, situado além da revolta absoluta da adolescência e da revolta interior da idade adulta.

Brito (5) conclui que o humor é a plena utilização da liberdade de espírito e pode levá-lo a expandir-se de forma imprevisível, e, com isso, ilumina e desvenda o homem ao próprio homem. Torna-se uma eficiente medida da infinita e infindável comédia humana.

A nosso ver, as HQ revelam um pouco da condição humana. Os leitores podem rir, sorrir e até chorar com elas.

Segundo Magalhães (6), entre as HQ e as histórias que a escola legitima, estabelece-se uma oposição processada não somente pela instituição, mas estabelecida também pela própria criança. A diferença consiste em que a primeira apóia a distinção na dicotomia adequado/não adequado, enquanto a disjunção dos pequenos leitores é outra: imposto/não imposto. Este fator, por sua vez, não se desvincula de outro aspecto: trata-se de uma produção voltada ao entretenimento, geralmente eivada de humor, e a escola parece considerar tais elementos, assim como qualquer forma de descontração, incompatíveis com a sua seriedade.

É preciso tomar cuidado para, numa análise das HQ, não incorrer no erro de enquadrá-las massivamente num modelo unitário.

Independentemente de ser um produto produzido em série e voltado para as grandes massas, e como acontece com outras produções culturais, nas HQ há diversos gêneros.

Com o humor que proporciona uma leitura divertida e, ao mesmo tempo, altamente aguda, **Mafalda**, segundo Magalhães (7), realiza, no gênero, a feliz conciliação do lúdico e do emancipatório, oportunizando a identificação com esses

heróis do dia a dia e estimulando, pela exemplaridade, a postura crítica e o debate.

As HQ, em geral, de um lado não dão muitas informações, mas de outro permitem ao leitor preencher as lacunas, os silêncios das personagens com a sua própria percepção e imaginação; criar em cima das tiras. Além disso, elas permitem a construção de um novo conhecimento a respeito de vários fenômenos.

3 - Mafalda e Indústria Cultural

Não resta a menor dúvida que a **Mafalda** é um produto da Indústria Cultural, mas se diferencia de outras HQ em alguns aspectos:

- Quino nunca teve equipe de desenhistas, ele sempre foi só e desenhou todas as tiras da **Mafalda**.

- As tiras da **Mafalda** têm uma seqüência histórica, não são atemporais. A **Mafalda** surge com cinco anos de idade e vai crescendo até os nove. Ao surgir está se preparando para começar a escola no ano seguinte. Ela vai conhecendo a sua turma com o passar do tempo. Sua mãe engravida, nasce seu irmão Gui. Ela vai aprendendo a ler e escrever e tenta desesperadamente relacionar o que aprende na escola com a vida real.

Eco (8) diz que ante a afirmação de que a finalidade comercial e o sistema de distribuição do produto HQ lhe determinariam a natureza, poder-se-ia responder que também nesse caso, como acontece sempre na prática da arte, o autor de gênio é o que sabe resolver os **condicionamentos em possibilidades**.

A nosso ver é nesta categoria que se insere Quino, um autor de gênio, que soube administrar as limitações que as circunstâncias, tanto políticas quanto de ser a **Mafalda** um produto da Indústria Cultural e ter que obedecer aos seus ditames, se lhe impunham. Ele conseguiu mudar o modo de sentir e de ser de seus leitores (afora que ele mesmo foi mudando e se revelando), desenvolvendo dentro do sistema uma função de um lado lúdica e de outro lado crítica e liberatória.

Logo no início deste trabalho, nos propusemos a refletir sobre a linguagem dos quadrinhos e começamos com Acevedo, por termos nos identificado com suas idéias, que batem com as nossas preocupações e com as idéias básicas desta dissertação. Quando ele fala do leitor médio leitor passivo das HQ que ignora como funciona o meio através do qual recebe mensagens, os truques que o emissor utiliza para orientar suas emoções e suas idéias), diz que esse homem

oprimido só poderá libertar-se a partir do desenvolvimento de sua consciência e à medida que esta lhe sirva para atuar em conjunto com outros homens, transformando-se a si mesmo e transformando seu mundo até instâncias qualitativamente superiores. É preciso compartilhar o conhecimento para que exista uma relação de diálogo, verdadeiramente entre iguais, uma relação libertadora.

Não conhecemos Acevedo, mas seguramente ele leu e comunga das idéias de Buber e Moreno. Aqui já está a chave para a possível transformação da sociedade.

Seguindo seus passos, partimos em busca dos elementos da “quadrinidade” na **Mafalda**.

O leitor da **Mafalda** consegue “ler” com facilidade o que as personagens estão sentindo, tanto pela expressão facial quanto pela expressão corporal. Quino faz suas personagens vivenciarem de tudo. Aparecem: medo, angústia, depressão, entorpecimento, estupefação, raiva, alegria, tristeza, candura, amor, exaltação, amizade, desconfiança, revolta, impotência, indignação, dúvida, sofrimento, etc.

Através dos vários ângulos e enquadramentos/planos em que Quino desenha as tiras, ele estimula a projeção, a identificação e o interesse por sua mensagem.

Ele aborda questões como o preconceito contra as HQ; o medo à liberdade, de que foge o homem contemporâneo, consumista; a questão feminina; o duplo jogo que se faz nas famílias. Embora não apresente soluções práticas (Quino não desenhava situações em que acontecessem transformações) ele trabalha com o presente, com o momento, usando as crianças para se manifestar. Percebe que se houver alguma saída talvez só aconteça através das crianças, mas vai até aí: a denúncia e o resgate da espontaneidade e da franqueza/verdade através das crianças.

4 - A Escola da Mafalda

Um de nossos objetivos era mostrar que a educação/escola denunciada/retratada por Quino na **Mafalda** é a tradicional, fruto da doutrina e da pedagogia liberal.

Procedemos, então, ao levantamento dos sinais concretos da escola da **Mafalda**, visando detectar a ideologia dessa escola, e os comparamos com as características da abordagem tradicional da educação, estabelecidas por Mizukami.

Este levantamento nos propiciou dados

como:

- A austeridade da sala de aula, a fim de que o aluno não se distraia e isso facilite o distanciamento do professor.

- Primado do conteúdo.

- A abolição do corpo, das emoções, da intuição, da espontaneidade, do prazer, da criatividade, da liberdade, da realidade.

- Só se intrui, não se educa.

- O poder das notas, intimidando os alunos.

Nós nos surpreendemos com Luckesi e Mizukami, que sequer mencionaram evento tão comum e trágico da escola tradicional: o castigo corporal e moral.

Quino toca nesse tema, mas suavemente. Não são denunciados todos os castigos a que as crianças eram submetidas (e ainda o são). Basta lembrar que na Inglaterra, só há uns três anos é que foi proibido o castigo físico nas escolas.

A nosso ver só este tema, o castigo corporal na escola tradicional, mereceria uma ampla pesquisa.

Outro objetivo a que nos propusemos era fazer uma leitura correlata, de Buber e Moreno, da educação na **Mafalda**.

Esta nova análise de conteúdo a que atribuímos o nome de relacional, fez com que revissemos a postura de Quino. Ele já não nos pareceu tão “filósofo espectador” com antes de iniciar a pesquisa. Fomos identificando correlações entre Buber e Moreno e Quino através das tiras.

5 - Considerações finais

Alguns dos itens em que percebemos esta correlação foram os seguintes:

- O homem para os três é um ser em relação; nasce em sociedade e precisa dos outros para sobreviver.

- A preocupação com o social, embora de formas diferentes, aparece nos três, tendo por trás o mesmo objetivo: educar, curar a população, conscientizá-la para distinguir e buscar o de que realmente necessita, para que não prossiga sendo passiva e submissa ao poder e ao que lhe é externo, estranho, alheio à realidade vital de sua existência.

- A *coisificação* do homem e de tudo na natureza: os três se preocupam com este perigo. Para Buber e Moreno a saída é não fugir do **momento**, do **aqui e agora** da verdadeira relação. É a única saída para a construção de uma nova comunidade (para Buber). Quino percebe a importância do **momento**, e faz as crianças reagirem no momento em que estão sendo pressionadas,



mesmo sabendo que serão punidas.

- Outro ponto fundamental ligado ao momento é a manifestação da espontaneidade para chegar à criatividade. Para Buber e Moreno este é um dos pontos fundamentais na educação. Quino captou bem essa necessidade, tanto que suas personagens (as crianças) são, acima de tudo, espontâneas.

- Para Buber, o gênero humano começa a cada instante com a criança. Para Moreno, O Psicodrama deve começar com a criança. Quino desenha, como atores principais, a criança.

- Moreno e Buber só vêem a possibilidade de transformação da educação se acontecer a convergência para o estabelecimento de relações verdadeiras, promovendo os encontros EU-TU. Quino mostra o desejo que as crianças têm de estabelecer diálogos verdadeiros com seus professores e pais. Ele mostra também que as crianças sabem distinguir o que é relevante do que não é, assim como a necessidade de coerência entre o que é ensinado na escola e o que acontece na vida real.

Enfim, Quino, consciente ou inconscientemente, aponta para caminhos que poderiam transformar a educação e as relações familiares. Quando, por exemplo, desenha a Mafalda em solilóquios, leva o leitor a refletir com ela, questionando e contestando o mundo e pensando em sua própria vida, em seus objetivos. Além disso, é só seguir o que as crianças propõem – diálogos, coerência, vincular os conteúdos com o real, a possi-

bilidade de serem espontâneas, etc. – que surgirá a nova escola.

Embora a Mafalda não possa ser vista como uma revolucionária (no sentido de “pegar em armas”), ela é uma filósofa-atriz crítica de tudo no planeta, e pode servir com estímulo de mediação para transformações pacíficas.

O papel que a **Mafalda** representa nas HQ da América Latina (ainda que Quino tenha parado de desenhá-la vai fazer vinte anos), é da maior importância, e apesar de ter sido criada há quase trinta anos, ela é muito atual. Através da **Mafalda**, trabalhada na metodologia psicodramática, podemos levar os leitores e alunos a explorarem a realidade, e a se libertarem e se tornarem seres criativos.

É este o uso que temos procurado fazer da **Mafalda** em nossa prática docente. E é este o curso da pesquisa num esboço conceitual.

Liana Gottlieb

- *Psicodramaticista, Mestre em Comunicação Social, Doutoranda do CCA-ECA/USP, Professora da Faculdade Casper Líbero, UNIP/OBJETIVO e Faculdade Metodista/SP.*

Referências Bibliográficas

1. BRITO, Márcio da S.; in Prefácio, *Maravilhas do Conto Humorístico*; 2ª Edição, Editora Cultrix, São Paulo, 1961, 9.12.
2. _____; *Obra citada*, p. 13.
3. _____; *Obra citada*, p. 14.
4. _____; *Obra citada*, p. 15.
5. _____; *Obra citada*, p. 15.
6. MAGALHÃES, Lúcia C.; Em defesa dos Quadrinhos; in ZILBERMAN, Regina (org.); *A produção cultural para a criança; Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982, p.83.*
7. _____; *Obra citada*, p. 89.
8. ECO, Umberto; *Apocalípticos e Integrados*; 4ª Edição, Editora Perspectiva, São Paulo, 1990, p.158.